

LITERATURA NA PRISÃO: UM VOO DE LIBERDADE

Sonia Maria Chaves Haracemiv¹

Jane Cleide Alves Hir²

Introdução

Este trabalho consiste no relato de uma experiência com o texto literário no espaço prisional. Trata-se da descrição de uma trajetória de leituras literárias vivenciada com homens e mulheres em privação de liberdade como parte do projeto educativo do CEEBJA Dr. Mário Faraco, que atende ao Complexo Prisional de Piraquara/PR.

A experiência relatada foi desenvolvida em turmas da Educação de Jovens e Adultos – Fase I (Anos iniciais do Ensino Fundamental – EJA).

O Plano Estadual de Educação voltado ao sistema prisional apresenta um mapeamento da faixa etária e da escolaridade dos sujeitos apenados no Paraná. De acordo com o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - INFOPEN, “a população carcerária paranaense apresenta-se extremamente jovem, onde 51,33% encontram-se na faixa de 18 a 34 anos e com baixíssimo nível de escolaridade, sendo que 62% não possuem o Ensino Fundamental completo” (BRASIL, 2012).

Os participantes desse trabalho fazem parte do universo dos que foram de uma forma ou de outra, excluídos do sistema escolar e também daqueles que não tiveram acesso a ele. O presente estudo abrange sujeitos que já apresentavam relativa proficiência da leitura, assim como os que ainda não sabiam ler, especificidade esta que demandou metodologias diferenciadas.

As leituras que embasaram a experiência com o texto literário

A literatura é a arte de traduzir em palavras as diversas realidades da natureza humana. É a possibilidade que temos de nos ver em outros e ao mesmo tempo ver os outros em nós. Assim, a literatura amplia a nossa visão do mundo e de nós mesmos. Discorrer sobre a função da literatura confunde-se com o próprio sentido de aprender a ler.

Mais que qualquer outro tipo de leitura, a literatura nos oportuniza a experiência do humano. Por meio dela temos a oportunidade de vivenciar a expectativa, o estranhamento, o contraditório, os sentimentos e emoções da natureza humana, sendo que

[...] a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. COSSON (2014, p. 30).

Nessa perspectiva, pensar a literatura como experiência ampliadora da leitura do mundo e assim trazer uma proposta de letramento literário a este espaço marcado pelo silenciamento e pela desumanização, tanto pelos rótulos impostos aos que são privados de liberdade quanto pelas condições a eles impostas, impeliu-me a buscar formas diferenciadas de trabalho com o texto.

¹ Universidade Federal do Paraná – UFPR - Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: sharacemiv@gmail.com.

² Universidade Federal do Paraná – UFPR - Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: janeclideh@gmail.com.

De imediato, era preciso romper com a ideia de estudo, era preciso sair da dimensão cognitiva e buscar o vivenciado: o texto como sensação, memória, marca, e também fresta para outro texto. De acordo com Kefalás (2012 p. 39-40),

[...] abordar um texto literário pela linguagem da experiência, mais do que encontrar o que se procura, é ser atravessado, desalinhado pelo que se encontra. O jogo dos sentidos, os desvios, o que vibra no texto literário poderia então impulsionar, provocar, surpreender aquele que lê ou que sobre ele discorre. No ensino de literatura, seria, pois interessante que se pudesse debruçar sobre o texto como num passeio, por meio dessa linguagem da experiência, ou do que nela é espanto, risco, estremecimento.

Deste modo, ao adotar a concepção de leitura como experiência, foi necessário primeiro “ler” os grupos com os quais trabalharia e ao mesmo tempo buscar suporte teórico para embasar as práticas de leitura, considerando que

[...] a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p. 76).

O mapeamento do grupo quanto ao reconhecimento e validação de suas especificidades, culturas e formas de ser e estar no mundo foram fundamentais para o estabelecimento de uma relação dialógica e a construção de um espaço onde as nossas humanidades (de educadora e de educando) pudessem partilhar as experiências com o texto literário e assim ampliar em conjunto a nossa visão de mundo e de nossa própria humanidade.

Era preciso dialogar com as histórias em um ambiente de confiança, pois o diálogo

[...] [é] uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se unem assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 2007, p. 115).

E nesta partilha de histórias, nesta troca de sensações e sentidos, numa relação de igualdade, é que foi possível trabalhar o texto literário como experiência do humano em um lugar onde a humanidade é tão ignorada.

As trajetórias de leitura

A metodologia utilizada se apoia na concepção do texto em suas irregularidades, indefinições e reentrâncias. O texto que se faz de forma singular na relação com o leitor. O texto sem respostas, o texto com suas irregularidades e desvios, o texto com as propriedades da madeira: “Se você mete um prego na madeira, a madeira resiste diferentemente conforme o lugar em que é atacada: diz-se que a madeira não é isotrópica. O texto tampouco é isotrópico: as margens, as fendas, são imprevisíveis” (BARTHES, 1996, p. 50).

A própria experiência de leitora vivido pela docente, e o gosto pelo texto literário foram determinantes para dar sentido ao trabalho de pesquisa e ao cuidado para que o texto literário não fosse imposto aos leitores, mas sim, trazido pelo tecido das conversas e dos conteúdos trabalhados.

No tratamento dado ao texto literário abrir espaços de interlocução, considerando as múltiplas possibilidades de leitura, ou seja, respeitando as “fendas” os vazios, a desconexão foi priorizado a sensação, o sentimento, a vivência e não a compreensão. Algumas vezes a sensação se alinhava com a compreensão do tema, às vezes não. No entanto, cada texto trabalhado foi sentido, vivenciado, transformado e recriado.

Nessa trajetória de leituras foram aplicados diversos procedimentos: rodas de conversa, leitura dramatizada, representação plástica do texto, leitura silenciosa, jogos, dinâmicas de grupo, entre outros. Apesar das diferentes abordagens, o que se procurou enfatizar foi a oferta do texto inteiro que irrompia muitas vezes sem planejamento prévio, como na experiência que ocorreu em um dia muito chuvoso na Colônia Agrícola e Industrial – CPAI, em que apenas oito educandos estavam presentes e um deles, olhando pela janela falou: “Que vida besta meu Deus!” (DETENTO CPAI, 2014).

Foi o que bastou para que o texto “Cidadezinha Qualquer” de Drummond (1978) “entrasse” em sala. Depois do poema lido em voz alta, a experiência literária ganhou força nas memórias que evocou e, pelos diversos sentidos que escorreram pelas “fendas” do texto vivido, provado, sendo finalmente recriado por um dos leitores que escreveu:

Um presídio Qualquer

Cadeia entre as cidades

Presos entre celas

DORMIR LEVANTAR DEITAR

Um preso, uma dor.

Um dorme, outro olha.

Um reza, outro chora.

Devagar... as grades olham.

Eta vida doída, Jesus!

Em outro momento, na Penitenciária Central do Estado Feminina, trabalhando o calendário, sua história e organização e eu trouxe para leitura o poema “Seiscentos e Sessenta e Seis” de Mário Quintana (2005).

Como era uma turma não alfabetizada, o texto foi apresentado como um jogo de caça-palavras. Elas deveriam procurar as palavras “*vida, tempo e relógio*”. O trabalho com as três palavras trouxe para o grupo um universo de lembranças, sensações e sentimentos. Quando por fim, lido para elas o poema, pode-se perceber nos seus olhos brilhantes um poema novo que nascia e que depois se materializou nos desenhos que fizeram para representar o poema e na escrita dos versos que escreveram com a minha ajuda: “o tempo muda tudo. existe um tempo pra tudo. o tempo de deus é diferente do nosso tempo. o tempo passado era bom, mas, eu não sabia. existem vários tempos dentro do tempo. o tempo da cadeia é pesado como uma corrente grossa no pescoço” (DETENTAS, 2014).

Eram mulheres que ainda não haviam se apropriado do sistema da escrita, no entanto o texto literário conseguia despertar nelas o anúncio de uma singularidade que se materializava na experiência com o texto. O texto as inquietara, pois

(...) na experiência, o que é vivido é pensado, narrado, a ação é contada a um outro, compartilhada, se tornando infinita. Esse caráter histórico, de ir além do tempo vivido e de ser coletivo, constitui a experiência. Mas o que significa entender a leitura e a escrita como experiência? (...) Quando penso na leitura como experiência (...) refiro-me a momentos em que fazemos comentários sobre livros ou revistas que lemos, trocando, negando, elogiando ou criticando, contando mesmo. (...) O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente onde a leitura é partilhada. (...) Defendo a leitura da literatura e de textos que têm dimensão artística, não por erudição, mas porque são textos capazes de inquietar (...) (KRAMER, 2000, p. 28-29).

Outra experiência de leitura aconteceu com o conto intitulado *A Moça Tecelã* de Marina Colassanti. Iniciou-se o trabalho com a leitura da imagem do cartaz de uma peça teatral apresentada no Teatro SESC/SENAC - Pelourinho. Foi solicitado que descrevessem o que viam. Elas foram falando a medida que eram provocadas com novas perguntas, tais como: A ideia de tecer, de unir fios para fazer o quê? Uma colcha, uma toalha uma blusa, um caminho, um tapete? Elas iam falando, buscando referências na vida vivida. Aqui se instaurava a leitura em sua dimensão dialógica. Aqui ocorria a troca de sentidos e o ato de ler deixava de ser um ato físico para se constituir em uma vivência do humano marcada pela experiência individual e ampliada pela partilha dos olhares diversos.

No dia seguinte foi organizada uma roda de leitura e lido para elas o conto de Marina Colasanti. A docente impostava com cuidado a voz, realçando os adjetivos, e enfatizando os marcadores de tempo. Lendo com a força suave que o texto exige e também guiada pela emoção que brilhava nos olhos dela. E foi o último parágrafo que as fizeram suspirar: *Ah, professora! Se desse pra desfazer!* Disse uma delas fazendo-se porta voz da experiência vivida.

Em seguida falaram das sensações: *“Seria bom ter fome e a comida aparecer/ Interessante, aparecer um homem bem do jeitinho que a gente quer/ O homem nem esperou ela abrir a porta. Foi entrando. É assim mesmo que eles fazem./ O palácio virou prisão./ Ela era feliz antes e não sabia./ Acho que muita coisa a gente mesmo escolhe pra gente e depois se arrepende./ Mas na vida real não dá pra destecer!”* (DETENTAS, PCEF, 2014).

Muitas relações se estabeleceram a partir dessa leitura: Os sonhos da mocidade, o mito do príncipe encantado, a ideia de felicidade, as questões de gênero e a inexorabilidade do tempo que não volta atrás. Além das experiências individuais, outras vozes alcançavam a todas. O texto de Mário Quintana (2005) se presentificava nas emoções de agora: *“Ah! E se me dessem - um dia - uma outra oportunidade”* (DETENTAS, PCEF, 2014).

Assim, foi sendo tecida uma rede de múltiplos sentidos na qual as diversas visões de mundo se entrelaçaram às experiências de leitura do texto e às de leitura do mundo e com elas a necessidade de pronunciar a sua palavra.

Refletindo sobre as trajetórias

Durante todos os anos o trabalho com jovens e adultos no cárcere, a literatura foi sempre o caminho escolhido para acolher e encantar. O fato da não alfabetização dos educandos não é impedimento para a fruição do texto literário e, muitas vezes, a partir dele é que podem ser estruturadas as práticas de alfabetização, pois este é um caminho que precisa ser permanentemente percorrido pelos que acreditam que

[a] literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos

sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CÂNDIDO, 2004, p. 186).

Pode-se concluir a partir da fala acima que qualquer proposta de educação emancipatória, no sentido de potencialização da humanidade, não pode prescindir da literatura. Além disto, uma proposta de letramento literário que considere esta humanidade não será nunca descolada da concepção de homem e de sociedade. Portanto, não basta “anexar” ao planejamento uma proposta ou projeto de letramento literário. Antes, é fundamental que as relações sejam pautadas pela igualdade.

No espaço das relações da Educação de Jovens e Adultos e, com mais força ainda no espaço prisional, a fruição do texto literário, em sua dimensão transformadora somente será possível pelo encontro das “humanidades”. Neste encontro diluem-se os limites dos papéis. Somos educador e educando, apenas sujeitos numa comunhão do humano.

Referências

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Trad. de J. Guinsbug. 86 p. Título original: *Le plaisir du texte*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

CÂNDIDO, A. **O direito à literatura**. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COLASANTI, M. A moça tecelã. In: **Doze reis e moça no labirinto do vento**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.

DRUMOND, C. Cidadezinha Qualquer. In: **Antologia Poética**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 30. ed. 2007.

KEFALÁS, E. **O corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário**. Campinas: Autores Associados, 2012.

MURRAY, R. Receita de pão. In: **Receitas de olhar**. São Paulo: FTD, 1999.

QUINTANA, M. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

RESENDE, V. M. **Literatura Infantil e Juvenil**. Vivências de leitura e expressão criadora. Rio de Janeiro: Saraiva, 1993.

KRAMER, S. Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação dos sujeitos sociais. **Revista Presença Pedagógica**, 31. ed., BH, Editora do Professor, 2000.

TODOROV, T. **A Literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.